



Categorias do torcer e participação feminina em uma torcida *chopp* carioca

Ana Caroline Lessa¹  

Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Como estão inseridas as mulheres torcedoras em uma torcida organizada? Este artigo tem por objetivo destrinchar a inserção das mulheres na arquibancada a partir de uma torcida do tipo *chopp*. Argumento que essa modalidade de organização favorece a integralização das torcedoras em termos de segurança, conforto e acolhimento. Se por um lado o machismo e as praças esportivas ainda demasiado masculinizadas podem cercear o envolvimento das mulheres na torcida por um clube, por outro lado, torcidas como as do tipo *chopp* privilegiam a participação feminina. A partir de etnografia em dias de jogos do Botafogo de Futebol e Regatas e entrevistas semiestruturadas realizadas com a Torcida Fogoró, mais especificamente com o Alambique Feminino, discuto presença, participação, acolhimento e pertencimento entre as torcedoras-interlocutoras nas atividades e socialidades futebolísticas. Verifica-se que torcida *chopp*, muito marcada por não se envolver em episódios violentos e por ter um caráter mais familiar, colabora para atrair um público distinto do que geralmente abrange torcidas organizadas mais tradicionais, as “jovens”. Para situar estas diferenças entre modos de torcer classifico as torcidas organizadas em três categorias, *chopp*, *jovem* e *barra*, que serão apresentadas no texto.

Palavras-chave

Torcidas organizadas. Sociabilidade torcedora. Pertencimento clubístico. Gênero e esporte.

1. Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/Unicamp), co-fundadora do Laboratório de Estudos das Práticas Esportivas e de Lazer (LAPEL/Unicamp) e bacharela em Ciências Sociais (UFRJ). Interessada em torcidas organizadas, movimentos associativos de torcedores, questões de gênero e memória no futebol.

Categories of supporting and female participation in a *torcida chopp* from Rio

Abstract: How are women fans included in a *torcida organizada*? This article aims to unravel the insertion of female supporters in the stands with a *torcida chopp*. I argue that this type of organization favors the integration of female fans in terms of safety, comfort and hospitality. If, on one hand, sexism and sports venues that are still too masculine can restrict female involvement in supporting a sports team, on the other hand, *torcidas* such as the *chopp* type favor the experience and integration of women in the stands. Based on ethnography on game days at Botafogo de Futebol e Regatas and semi-structured interviews carried out with *Torcida Fogoró* members, more specifically with the women's wing of the given *Torcida*, I discuss presence, participation, reception and belonging among these female fans-interlocutors in football activities and socialities. It appears that *torcidas chopp*, which are very notable for not being involved in violent episodes and for having a more family-friendly character, help to attract a different audience than what generally comprises more traditional, "young" organized fans. To locate these differences between forms of supporting, I classify the organized squads into three categories, *chopp*, *jovem* and *barra*, which will be presented in the text.

Keywords: Organized fans. Fans sociabilities. Club belonging. Gender and sports.

Categorías de hinchadas y participación femenina en una *torcida chopp* de Río

Resumen: ¿Cómo se incluyen las fans femeninas en una base de fans organizada? Este artículo pretende desentrañar la inserción de las mujeres hinchadas en las gradas a partir de una *torcida chopp*. Sostengo que este tipo de organización favorece la integración de los aficionados en términos de seguridad, comodidad y hospitalidad. Si, por un lado, el machismo y los recintos deportivos todavía demasiado masculinos pueden limitar la participación femenina en el apoyo a un club, por otro, hinchadas como las del tipo *chopp* favorecen la experiencia y la integración de las mujeres en las gradas. A partir de etnografía sobre los días de partido en el Botafogo de Futebol e Regatas y de entrevistas semiestructuradas realizadas con miembros de *Torcida Fogoró*, más específicamente con el ala de mujeres de la *Torcida* en cuestión, analizo la presencia, participación, acogida y pertenencia entre aficionados-interlocutores en actividades y socialidades futbolísticas. Parece que las *torcidas chopp*, que se caracterizan por no estar involucradas en episodios violentos y por tener un carácter más familiar, ayudan a atraer a un público diferente al que generalmente comprende fans organizados más tradicionales, las *jovens*. Para localizar estas diferencias entre las formas de porristas, clasifico las *torcidas organizadas* en tres categorías: *chopp*, *jovem* y *barra*, que se presentarán en el texto.

Palabras clave: Fanáticos organizados. Sociabilidad futbolística. Pertenencia. Género y deporte.

Introdução

As *Torcidas Organizadas*² (TOs) são tradicionais nas arquibancadas brasileiras e conhecidas no meio não-futebolístico pelas reportagens de jornais em que aparecem ocasionalmente, sobretudo envolvendo episódios violentos. Nos moldes burocráticos-militares, como sugere Luiz Henrique de Toledo (1996), as *torcidas organizadas* da maneira que conhecemos no presente surgem ao final dos anos 1960, ascendem na dé-

2. No presente texto 'torcida organizada' aparecerá com distintas grafias dotadas de três significados diferentes. Quando em sigla ou iniciada em caixa alta (*Torcida*, *Torcida Organizada*), me refiro à *Fogoró*. Quando no plural ou iniciada em caixa baixa me refiro ao conjunto de *torcidas organizadas*. Quando no singular, iniciada em caixa baixa, trato da *torcida botafoguense* de modo mais amplo – algo que evito.

cada de 1970 e têm seu *boom* de associados e simpatizantes na década seguinte. Suas características de transgressão, jovialidade e luta muito se deve ao contexto de aparecimento delas durante a ditadura militar brasileira iniciada em 1964 e aos movimentos populares, em especial estudantis, como o Maio de 1968 na França, em um contexto que poderia ser caracterizado como de crescente autonomização da juventude contra repressão política e reivindicando maior participação política e social na sociedade, de maneira geral, e especificamente na vida dos seus clubes (Toledo, 1996).

A importância juvenil sobressai pelo perfil destes torcedores organizados (Toledo, 1996; Teixeira, 2004) que em sua maioria estão na adolescência até a faixa dos trinta anos de idade e pelo próprio nome de várias das torcidas nascidas nestes primeiros períodos, inspirando outras nas décadas seguintes, como a Torcida Jovem do Botafogo (1969), Torcida Jovem do Santos (1969), Força Jovem do Vasco (1969³) e *Young Flu* (1970). Algumas destas organizadas não somente são as pioneiras em seus clubes como podem ainda ser as principais na arquibancada, assim sendo referidas como “a jovem”⁴ do seu time. *Jovem* pode ser, então, adjetivo ou nome próprio de uma Torcida.

Ser torcida *jovem* é um marcador importante entre as organizadas, como será colocado adiante. Ser (da) *Jovem* é motivo de orgulho e é tradição. Carrega-se consigo honra e responsabilidade. É preciso ter “conduta” e “responso” para manter o legado e a história da torcida. Não se é “de uma Jovem”, você é “da Jovem”. Ainda que outras torcidas do clube carreguem o adjetivo, para uma é nome próprio. O nome de cada torcida traz consigo sua identidade e sua “ideologia”, isto é, aquilo em que crê e a forma como age conforme a crença.

Há ainda um outro contexto de migrações e ocupações das cidades, particularmente nas capitais Rio de Janeiro e São Paulo. Esses deslocamentos fomentam o “ajustamento dos indivíduos” ao novo ambiente citadino e encontram no futebol um instrumento de sociabilidade, solidariedade e identificação entre os novos residentes. A Copa do Mundo de 1970, sediada no México e vencida pelo Brasil (ainda sob regime militar) é de grande importância neste momento de união e fortificação no país. Nessa década o futebol se consolida como “mania nacional” (Toledo, 1996, p. 24), movido pela competição e pelo agenciamento de interesses políticos, econômicos e sociais no fortalecimento do esporte, das práticas esportivas e da exposição na construção de estádios e surgimento de novos clubes no cenário nacional (Toledo, 1996).

3. A torcida só se fundou oficialmente no ano seguinte, em 1970.

4. Todas as palavras ou expressões que aparecem entre aspas e sem referência direta são provenientes do campo e registradas em diário de campo. O meu campo compreende jogos do Botafogo de Futebol e Regatas e os principais espaços de interlocução foram: Estádio Nilton Santos; Maracanã; sede da Torcida Fogoró.

Maurício Murad (2007, p. 17) aponta que o futebol possui em sua essência um *ethos* que perpassa o conflito e a violência a partir do ritual disjuntivo, conforme Lévi-Strauss. Um ambiente competitivo como o do esporte moderno, ainda mais no tangente a modalidades disputadas apenas entre dois adversários na praça esportiva, é permeado por ideias duais e opostas: ganhar ou perder; nós ou eles; sucesso ou fracasso; aliado ou adversário, matar ou morrer. Simbolicamente, é preciso “matar” o adversário para alcançar o objetivo da vitória (Lévi-Strauss, 2012 [1962], p. 47).

O esporte moderno cria, pela sua própria lógica competitiva, uma cisão entre os adversários, a princípio em pé de igualdade, para que ao fim da partida se distingam entre ganhadores e perdedores (Lévi-Strauss, 2012 [1962], p. 49). Todo o ritual-jogo gira em torno de estabelecer a dissociação entre os elementos participantes de modo a definir quem é superior, pela lógica da dualidade e oposição, a partir da diferença entre eles – aquele que vence.

Do mesmo modo que há um *ethos* de conflito no futebol moderno, a agressividade e o uso da força física como recurso do torcer ou da demonstração de superioridade entre torcidas tendem a seguir determinadas lógicas. Ignorar o sentido do enfrentamento para os torcedores envolvidos nos episódios é também enfraquecer o debate e deixar passar os seus sentidos e significados para os adeptos (Palhares; Schwartz, 2015).

A dualidade perpassa, similarmente, outros aspectos morais, estéticos, valorativos em um determinado grupo, como categorias de masculino e feminino, viril e frágil, forte e fraco, amigo ou inimigo, organizado ou não-organizado, ser ou não “de briga”, vencer ou perder. A (des)construção das hierarquias entre oposições se dá apenas internamente naquele grupo, não sendo possível definir ordem estática de valores uma vez que estes são subjetivos e variáveis pela lógica de cada grupo de torcedores. A título de exemplo, a categoria “de briga”⁵ não carrega necessariamente uma positiva ou negativa *a priori*. O sentido e o valor atribuído a esta categoria (ou qualquer outra envolvendo juízo de valor) é dado à nível pessoal pela experiência de cada ator envolvido. Este indivíduo-ator-torcedor tende a se conectar com outras pessoas e grupos que partilham de valores similares ou parecidos. É nesse círculo estabelecido que as convicções se sustentam e sustentam o fazer-torcer de uma torcida. O fazer-torcer e a ideologia⁶ em uma torcida organizada se alimentam mutuamente.

5. Ser ou não “de briga” também é categoria êmica e um dos principais marcadores no perfil de uma organizada.

6. “Ideologia” é um termo êmico nas torcidas que diz respeito aos seus preceitos sobre sua forma de torcer. A ideologia gera sentido ao grupo, dando uma identidade a cada TO.

1 Ideais de comportamento

Um dos últimos redutos para construção e afirmação de um ideal de masculinidade, conforme Edgar Morin (1975), o esporte moderno é dominado por exigências acerca de força e virilidade. Estes ideais versam sobre comportamentos esperados quanto a manifestação da masculinidade e não apenas se (re)produzem nas torcidas de modo a exaltá-los e instigá-los, como buscam constantemente se diferenciar e distanciar do feminino, carregando “uma série de exigências dos atores envolvidos, sejam eles atletas ou torcedores” (Bandeira; Seffner, 2013).

O distanciamento estabelece juízo de valor pela dicotomia concebida através da construção e valoração dos binarismos neste ambiente em que o masculino “ocupa um lugar privilegiado” (Bandeira; Seffner, 2013). As atitudes “ideais” seguem normas não-escritas de conduta, ainda que, hoje em dia, com maior presença, visibilidade e crítica por parte de grupos como mulheres, crianças, pessoas LGBTQIA+ e, ainda, homens “desviantes” deste perfil cujas variedades de expressões são escanteadas.

Sendo assim, para continuarmos a repetir que ‘futebol é coisa de homem’ é necessário especificar qual tipo de homem estamos falando, pois se quisermos questionar essa máxima é necessário lançar novas perspectivas e olhares em torno do nosso conceito de masculinidade na tentativa de compreendê-la como uma dimensão menos homogênea do que costumamos supor (Costa, 2006).

O ideal de masculinidade e virilidade aliado a brigas nas torcidas, choques com policiais militares e outras dimensões levaram ao auge da violência envolvendo torcedores organizados entre o final da década de 1980 (Reis, 1998; Pimenta, 2003; Costa, 2007 *apud* Silva *et al*, 2016) e o ano de 1995, marcado pela “batalha campal do Pacaembu”, que resultou em centenas de feridos e um morto dentro do estádio (Buarque de Hollanda; Medeiros, 2018).

Nesse contexto, a violência envolvendo torcidas de futebol se consolida como um problema social que gera “pânico moral” fomentado por assaz influência da mídia, mobilizando órgãos responsáveis para ações práticas de combate ao problema. Entre punições desde a proibição da entrada de materiais⁷ de torcidas envolvidas nos eventos ao banimento das organizadas em estádios por longos períodos e sentimentos de medo, desconfiança e insatisfação por parte do povão⁸, novas formas organizadas de torcer surgem.

7. ‘Material’ é o nome dado a todo e qualquer artefato de uma Torcida Organizada que exibe símbolos e cores da torcida e do clube ao que se dedica. Dentre eles: instrumentos de percussão, bandeirões, faixas e vestimentas. A obstrução dos materiais é feita durante a revista policial a qual os espectadores de um jogo são submetidos previamente à entrada no estádio.

8. Torcedores “comuns”, isto é, torcedores “não-organizados” compõem o chamado “povão”. Os três termos entre

2 Novos moldes do torcer organizado

Desde o início dos anos 2000 outras modalidades e movimentos torcedores aparecem nos estádios. Ainda que espontâneas, algumas dessas agremiações seguramente surgem como alternativa às torcidas organizadas dominantes até então, apesar de enclausuradas ou afastadas dos estádios sob efeito de suspensões em decorrência de episódios violentos. Isso se mostra a partir de alguns dos idealizadores e fundadores desses novos movimentos serem ex-membros oriundos das TOs clássicas, as *jovens*.

Insatisfação quanto à organização e conflitos internos na sua torcida de origem, medo (de estar mais proximamente envolvido pela violência no esporte) e cansaço (as torcidas clássicas são comumente caracterizadas por torcedores mais jovens, em tese, mais dispostos física, mental e socialmente para confrontos e outras aventuras envolvendo TOs) são alguns das razões apontadas para um perfil masculino e mais velho se retirar das *jovens*. Se ainda interessados no torcer-organizado, fundam ou integram torcidas que não são “de briga”. Se não, seguem como torcedor não-organizado.

Para Reis (1998) os torcedores podem ser classificados em dois grupos: torcedores comuns e torcedores organizados. Entendo esta separação como uma das dicotomias apresentadas acima e características importantes no perfil de um torcedor. Um torcedor “comum” é aquele que não integra uma torcida organizada e, portanto, é parte de uma coletividade mais simples e menos característica. Ou, ainda, com características que facilmente identificam aquele conjunto homogêneo. Já o torcedor organizado apresenta outras características mais específicas visualmente (através de indumentária da própria Torcida, como comumente ocorre) ou pelos seus comportamentos. Estes, relacionados à ideologia já mencionada anteriormente neste trabalho.

Seguindo o caminho das diferenças entre as próprias agremiações, entendo que a categoria “torcida organizada” ainda não dá conta das diferenças e particularidades delas. Desse modo, “torcida organizada” seria, então, um termo guarda-chuva para as seguintes divisões: *jovem*, *barra* e *chopp*. Por esta razão, proponho uma subclassificação das torcidas organizadas utilizando três categorias como tipos ideais (Pilatti, 2002) a partir de quatro aspectos centrais: visual, ritmo, ideologia e perfil.

O visual trata daquilo que se vê em uma torcida. Envolve principalmente seus símbolos ou mascotes, desenhos e imagens, cores e a composição dos elementos utilizados na “festa” da torcida, como tipos de bandeiras ou faixas e frases de efeito. A seção de ritmo se refere ao conjunto musical que a banda da torcida utiliza para reger seus componentes e contagiar a arquibancada a partir do que está sendo cantando naquele momento do jogo.

aspas compõem categorias êmicas de torcedores amplamente difundidas no espaço futebolístico. Entre torcedores organizados permeia uma ideia de hierarquia e importância entre eles e os torcedores “comuns”, entendendo que se dedicam e sofrem mais pelo seu clube do coração.

O perfil trata de uma composição geral dos integrantes de uma torcida. Por fim, a ideologia envolve tudo aquilo que uma torcida defende e acredita, agindo, portanto, de acordo.

Tendo em vista que tipos ideias indicam perfis que aproximam grupos, interesses e comportamentos mais específicos e padronizados dentro deles, segue um quadro elaborado acerca das principais características dos três modelos de torcida⁹.

Quadro 1 – Modelos de torcida

	Jovem	Barra	Chopp
Visual	Bandeiras em mastros de bambu, bandeirões, faixas horizontais; símbolos com aparência agressiva ou raivosa; utilizam estritamente as cores do clube.	Influência de países sul-americanos como Argentina e Uruguai, adotando faixas horizontais em sua estética; bandeiras menores; cores do clube.	Bandeiras em mastros de bambu, faixas horizontais; símbolos simpáticos ou divertidos; além das cores do clube, uso do amarelo remetendo à cerveja.
Ritmo/instrumentos	Instrumentos de percussão mais tradicionais, como o surdo de marcação, surdo de corte, caixa, tamborim e repique. Músicas com marcação mais acelerada e letras mais objetivas. Ritmos de samba, funk e rap.	Seus “temas” são mais cadenciados e comumente versões de músicas populares. São mais longos, com letra e melodia mais complexas. Instrumentos tradicionais e murgas, características das barras. Podem ainda incluir saxofone e/ou triângulo.	Instrumentos de percussão mais tradicionais, como o surdo de marcação, surdo de corte, caixa, tamborim e repique. Músicas com marcação mais acelerada e letras mais objetivas. Ritmos de samba, funk e rap.
Perfil	Jovem e masculino, desde a adolescência até os 35 anos. Lideranças são homens mais velhos, com mais tempo de torcida e de “pista” ¹⁰ . Por isso, mais respeitados. Núcleos femininos existem e podem ser mais afastados, quase como uma torcida independente.	Jovem, masculino e branco.	Faixa etária mais abrangente, desde núcleos infantis (A Fogoró, por exemplo, tem a Foguaraná, acompanhada pelos adultos responsáveis pelas crianças) até 50 anos. Núcleos femininos mais próximos da torcida como um todo, tendo bastante influência e participação ativa nas tomadas de decisões e linha de frente das atividades da TO.
Ideologia	Apoio incondicional, inclusive pelo uso da força física, se preciso. A violência está inserida dentro de uma lógica de proteção e vingança.	“Alento” incondicional, preferivelmente sem conflitos. Perfil mais conciliador e tranquilo, ao contrário das barras de outros países.	Apoio incondicional se dá pela dedicação à torcida e ao clube, através de viagens para outras cidades e presença constante nos jogos em casa, por exemplo. Repúdio à violência e reafirmação da torcida enquanto pacífica, não “de briga”.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

9. A taxonomia proposta considera apenas o contexto das torcidas na cidade do Rio de Janeiro. Há particularidades locais e regionais que, por vezes, distinguem as modalidades de torcida. As barras gaúchas, por exemplo, possuem longo histórico de rivalidade violenta, como as barras argentinas. No contexto paulista, é comum que torcedores mais velhos migrem das torcidas “de pista” para a escola de samba da sua associação.

10. Nesse contexto, ser “de pista” consiste em um longo e consistente histórico de participação na torcida. Tendo mais bagagem e tempo, estes torcedores são mais respeitados e conhecidos. Assim, ascendem às posições de liderança. É preciso salientar também que nem todo torcedor de uma jovem é “de pista”. Deste modo, estas duas categorias não podem ser colocadas como sinônimas.

Em conversa, um interlocutor compartilha que, há um ano e meio, acompanha a Torcida Fogoró, mas que começou a frequentar estádios com uma torcida organizada “de briga” em 2007. Após mais de uma década afastado de organizada,

tinha aquela visão de que era aquela coisa de confusão [...] e quando a gente (ele e um amigo, também da Fogoró) pegou uma caravana numa torcida de *chopp*, eu e o *, a gente foi se sentindo como uma família. [...] Eles [um casal de integrantes da torcida] vão [para jogos e viagens] com os dois filhos... A gente sentiu que eles [a Torcida] não estão buscando porradaria, não tão buscando confusão.

(Trecho de entrevista realizada e transcrita pela autora)

O trecho acima indica a compreensão da Fogoró como um ambiente mais familiar e amigável, em que é possível unir o ser-organizado com a tranquilidade de uma torcida que não é hostil e que não é de “porradaria”. O não ser “de briga” é um marcador bastante presente entre simpatizantes e integrantes da Fogoró. A violência é, então, um tipo de acusação social (Misse, 2016) que distingue essa forma de torcer em detrimento de uma torcida mais violenta e “briguenta”, estabelecendo uma hierarquia entre modos de torcer. Cada grupo tem sua valoração própria acerca dos comportamentos ideais no fazer-torcer. Não é, portanto, uma medida precisa e definitiva, à medida que diz respeito à constituição de cada torcida organizada internamente.

3 O Alambique Feminino: notas sobre a participação das mulheres em ambientes futebolísticos

As mulheres sempre estiveram presentes nos *matches de football*¹¹ desde quando “senhoritas da alta sociedade [davam] uma atmosfera fidalga ao esporte bretão associando-o à elegância, tranquilidade e beleza” (Costa, 2006). Ainda que interessadas no *sport*, as *ladies* eram atreladas, sobretudo pela mídia – largamente masculina –, à beleza, leveza do ambiente e boas famílias, desconsiderando os estádios como espaços alternativos para a vivência das mulheres em relações e ambientes além do doméstico. Sendo, assim, um salto de liberdade e autoexpressão para as frequentadoras destas praças.

A existência de torcedoras-símbolo em clubes ou torcidas (inclusive nas torcidas uniformizadas, anteriores às organizadas¹²), como Dulce Rosalina (Vasco e TOV¹³) e

11. Termo em inglês que no plural designam as partidas de futebol. Tendo sua origem na Inglaterra industrial, o futebol é disseminado e tratado desde termos no idioma original até as primeiras décadas do século XX. Outros breves exemplos: *goal* (meta ou gol), *goalkeeper* (guarda-redes ou goleiro), *corner* (tiro de canto ou escanteio).

12. Ver: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/csonline/article/view/30164>. Acesso em: 23 jul. 2024.

13. Torcida Organizada do Vasco, fundada em 1944.

Dona Elisa (Corinthians¹⁴), são só dois de vários exemplos evidenciando a presença já antiga e a importância das mulheres no âmbito do torcer, da socialidade no início do século XX e da própria representatividade de gênero.

As torcidas organizam-se por uma estrutura com presidência, vice-presidência e diretoria de setores como cadastramento, bateria, comunicação, material, financeiro. Essa organização burocrática da torcida (Toledo, 1996), até mesmo dotada de CNPJ, a constitui como uma empresa propriamente dita. Uma torcida-empresa precisa de recursos para se manter e a estrutura precisa fazer com que a manivela gire.

Há uma via de mão dupla entre o torcer (material, bateria, canto, visibilidade e presença ativa e constante nos jogos e outros eventos do clube) e a receita. Esta pode ser positiva através da venda de materiais da torcida, consumação na sede própria, rifas, organização de eventos e afins. É fundamental que haja uma estrutura organizada, transparente e ativa para que tudo funcione de forma adequada e que a torcida seja autossuficiente. A Torcida é, por fim, uma marca que não pode enfraquecer. O atual presidente da Fogoró pensa

na torcida como algo profissional. O ideal é ter alguém [de fora] que trabalhe, porque não acho justo [componente] sobrecarregar, por exemplo, família, trabalho, estudo, pra viver pra torcida e não ser remunerado por isso. Hoje tem uma pessoa que recebe um salário pra tocar a torcida, abrir a sede, ir nas reuniões, viajar, se preciso... Não aconteceu de uma hora pra outra, aconteceu depois de um tempo. É [sobre] essa questão da profissionalização [no que diz respeito à organização interna e receita] e fazer a torcida acontecer. Primeiro, estar presente em todos os jogos, e o fator fundamental que é o desempenho do time, né? Eu sempre falei pra galera que a gente precisa estar pronto, a gente precisa funcionar igual a uma empresa.

(Trecho de entrevista realizada e transcrita pela autora)

Na Fogoró, à estrutura descrita é somada a coordenação de alambiques. Os alambiques são subdivisões que funcionam como “marcadores territoriais” (Caldas, 2020, p. 130). Torcidas organizadas se subdividem por bairros, zonas, regiões, cidades ou estado, a depender de variações como número de componentes e tamanho da área. É comum que quanto mais afastada da cidade do clube, menos haja uma divisão. Por exemplo: na cidade do Rio de Janeiro, origem do Botafogo de Futebol e Regatas, há subdivisões pelas zonas da capital. Saindo dela, os alambiques se espraiam pelos municípios próximos, como pelos municípios de Duque de Caxias, Niterói, São Gonçalo e Maricá. Há ainda alambiques que aglutinam outros, como o de Nova Friburgo (município da região ser-

14. Ver: https://www.meutimao.com.br/noticia/206288/corinthians_reinaugura_memorial_em_homenagem_a_dona_elisa. Acesso em 15 jul. 2024.

rana que acolhe outras localidades menores) e o alambique Região dos Lagos. Saindo do estado, alguns alambiques representam seus estados, como o de Juiz de Fora (MG), Vila Velha (ES), Curitiba (PR) e Cuiabá (MT).

O Feminino é um dos tantos alambiques da Fogoró. Muito ativo já antes da oficialização da subdivisão, as integrantes femininas da torcida viajam para jogos em outros estados e países, organizam seus próprios eventos e ações sociais, muitos voltados a causas das mulheres (como campanhas para doação de cabelo e de absorventes), além de festas de aniversário do alambique, encontros entre elas e para acompanhar modalidades esportivas olímpicas do clube, além de categorias de futebol feminino e de base.

Com torcedoras sempre ativas na arquibancada e nas atividades da agremiação, a institucionalização desse grupo já existente e presente apenas reforçaria a participação dessas mulheres na torcida. Há bastante autonomia para promoverem suas próprias atividades, deliberar em discussões internas e atuar na diretoria, banda e outras atividades essenciais da torcida sem pedir qualquer tipo de permissão. Em outras organizadas já testemunhei episódios em que torcedoras pediam permissão ou não se sentiam confortáveis em tomar ações sem antes passar por uma figura de autoridade – masculina –, episódios que não presenciei com a Fogoró.

Uma integrante destaca diferenças acerca da participação feminina em organizada de um clube paulistano em detrimento de sua torcida

Tenho várias amigas da [censurada], só que lá, ao mesmo tempo que eles são muito progressistas pra muitas coisas, também é uma torcida que se a mulher quiser bandeirar, ela não pode colocar a mão. Se ela quiser tocar na bateria, ela não pode tocar. Eu já perguntei pra integrantes homens [por que esse tipo de impedimento] e eles ficam com desculpa esfarrapada [...]. Não [é assim], então vamos negociar. Se a integrante que já tem x anos de torcida quiser bandeirar, vai bandeirar num jogo, vai tocar na bateria. Isso, pra eles, é uma questão. Então pra mim não adianta ser tão progressista num lado e no outro ainda ser tão engessado.

(Trecho de entrevista realizada e transcrita pela autora)

Destaco dois pontos importantes no trecho anterior. O primeiro é sobre diferentes níveis de participação feminina nas TOs. Ter mulheres no quadro de componentes não garante uma atividade assídua e satisfatória para elas. Percebe-se que algumas torcidas limitam e cerceiam a atuação feminina. A presença das mulheres funciona, desta maneira, como uma tentativa de melhorar a imagem de uma torcida, sobretudo nas torcidas “de briga”, onde há mais controle sobre sua cooperação.

O segundo ponto importante, diretamente relacionado ao primeiro, é uma busca por legitimação que possibilitaria envolvimento mais ativo das torcedoras dentro da

agremiação. No trecho acima, uma possibilidade seria uma mulher poder exercer funções a partir de um tempo de participação na associação. De maneira geral, esses tipos de “teste” acerca da fidelidade da torcedora a um clube ou torcida, ou ainda a credibilidade sobre conhecimentos técnicos e históricos do futebol são comuns. Vários argumentos são defendidos por torcedores homens. No entanto, eles podem ser resumidos no esforço em perpetuar hierarquias de gênero e perpetuação de um ambiente em que o ideal de masculinidade permaneça de maneira confortável para quem ele representa.

Um espaço estritamente feminino cria um sentimento de proteção e segurança. O tom do grupo da ala feminina em rede social de mensagens instantâneas é bem diferente do grupo geral da torcida, em que estão todos os integrantes da Fogoró à nível nacional. Entre as quarenta torcedoras membros do grupo feminino é permeada a sensação de pertencimento pela proximidade da convivência entre elas, não apenas em momentos de jogos. É comum dormir umas nas casas das outras, saberem (e perguntarem) outros aspectos da vida além do futebol, sobre família, trabalho, relacionamentos. Entendo que a intimidade *online* vem primeiro da afinidade e da liberdade *offline*, forjadas nos espaços de sociabilidade a partir da Fogoró, o primeiro ou principal laço que as une.

No grupo exclusivo entre as mulheres, constantemente atualizam sobre o cotidiano e comentam sobre seu dia, enviam áudios e mandam fotos. As conversas giram menos em torno do futebol – para a temática acabam deslocando-se para o grupo principal. Preocupam-se umas com as outras. É comum perguntarem se estão bem, se chegaram bem em casa. Há muita ajuda, aconselhamento, brincadeira e piada interna, com um arsenal repleto de figurinhas umas das outras. Há também sempre lembranças de jogos ou outros eventos em que compareceram juntas através do envio de registros fotográficos ou audiovisuais das ocasiões.

Por outro lado, o grupo geral concentra-se mais sobre futebol, especialmente Botafogo e sobre a própria torcida. É através desse grupo que se trocam informações sobre a torcida, sobre viagens e ingressos de jogos, jogadores do clube, calendário das competições. Nele é comum mandar fotos trajando uniformes da Fogoró ou fotos bebendo cerveja, fazendo churrasco ou comendo petiscos. Há um tom de proximidade e intimidade ao mesmo tempo em que esta não é aprofundada. Por mais que os torcedores se conheçam, convivam e sejam próximos em dias de jogo, a intimidade é reservada para outros grupos mais específicos, como os dos alambiques e os de amigos mais próximos para além da afinidade geográfica.

A visibilidade das mulheres torcedoras na Fogoró não deixa de ser uma propaganda para a torcida: é um atrativo e convite a um ambiente familiar, amistoso e seguro para torcedoras de todas as idades. Escrevo no diário de campo que

[Na sede da torcida] há homens adultos mais velhos sozinhos, há outros em grupo. Além deles, há casais, há famílias, há adultos com crianças, há jovens. Mulheres sozinhas, com outras amigas ou acompanhadas de um homem. Digo ‘acompanhadas de’ e não ‘acompanhando a’ pois percebe-se a interação e atividade delas no espaço, conversando com outros grupos de pessoas, cumprimentando e cantando, por exemplo. (Diário de campo do dia 07/07/2024. Botafogo 3x0, Atlético-MG, Estádio Nilton Santos, RJ)

Considerações finais

As mulheres são parte do futebol tão logo ele desembarca no país de uma república ainda engatinhando. Entre jogadoras, torcedoras e moças de família, as mulheres não somente eram interessantes como eram e são interessadas nos *matches*. Com participação e presença oscilante e muitas vezes cerceada ao longo do tempo, as torcedoras cada vez mais se apropriam do meio futebolístico e reivindicam para si este espaço.

Nas torcidas organizadas “jovens” permeia um ambiente predominantemente masculino e exaltado. Entre interlocutores da Fogoró ou não-organizados, diz-se não haver mais o “pique” para acompanhar uma torcida *jovem*, indicando sua disposição e possibilidade de entregar-se integralmente à torcida, viajar para ir aos jogos, brigar e fazer outras “loucuras”. Uma torcida *chopp*, *portanto*, cumpre com seu papel de apoiar e seguir o clube, porém sem a mesma disposição para briga. Na verdade, acreditando que essa não é a maneira adequada de torcer, apoiar, se comportar.

Esse caráter tranquilo, apesar das festas, eventos, viagens e outras atividades realizadas pela torcida *chopp*, convida para o torcer-organizado, torcedores que possuem “viés de torcida” mas não se identificam com um torcer agressivo e exacerbado. Desta maneira, o perfil da torcida é mais equilibrado entre homens e mulheres, com faixa etária maior e com forte apelo entre famílias, mulheres e homens “sossegados”.

Além das atividades na torcida de maneira mais direta ou visível como estender faixas, tocar instrumentos na bateria e cantar, há outras muitas atividades por trás dos bastidores, tarefas invisíveis necessárias para a manutenção de uma organizada, como prestação de contas, cobranças de mensalidade de sócios, cadastro de novos torcedores. Entre elas existe também o ser mãe ou companheira.

Por fim, reforço que, para que os homens exerçam certas ocupações, há mulheres por trás cumprindo com outras incumbências. Para um homem tocar na bateria, uma mulher afinou o instrumento. Para um homem viajar, uma mulher gerenciou despesas e gastos e outras burocracias envolvendo uma caravana. Para um homem comparecer a uma reunião, evento, jogo em casa ou fora, uma mulher precisou cuidar das crian-

ças. Além de elas mesmas exercerem suas atividades na torcida e em outros ambientes, olhando para suas subjetividades, responsabilidades e interesses.

Referências

- ARARIPE PACHECO DE SOUZA, Eduardo. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: O caminho até as alianças. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 31, 2020.
- BANDEIRA, Gustavo; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: Um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, [S. l.], v. 14, n. 29, p. 246-270, 2000.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo. B.; MEDEIROS, Jimmy. Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 23-47, 9 jul. 2018.
- CALDAS, Phillipe. **O Belo e suas torcidas: As formas de torcer que cercam o Botafogo da Paraíba**. São Paulo: Editora Ludopédio, 2023.
- CAMPOS, Hugo Berlinger; LOUZADA, Roberto. A trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de São Paulo: de torcidas de futebol a escolas de samba. **Maguaré**, Bogotá, v. 26, n. 2, p. 147-171, 2012.
- COSTA, Leda. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, v. 2, p. n. 4, 2006.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **Perspectiva**, v. 15, n. 3. p. 82- 91, 2001. [online].
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre/UFRGS: Ed. Universidade.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 12. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.
- MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- MISSE, Michel. Violência e teoria social. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 9, n. 1, p. 45-63, 2016.
- MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PALHARES, Marcelo Fadori; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Não é só a torcida organizada: O que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?** São Paulo: Ed. da Unesp, 2015.

PILATTI, Luiz Alberto. Guttman e o tipo ideal do esporte moderno. *In*: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (Org.). **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 63-76.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade: as manifestações da torcida**. 1998. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SILVA, Carolina Fernandes *et al.* As mulheres na torcida jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 8, n. 29, p. 197-204, 3 mar. 2016.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2004.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 21, 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. *In*: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lillian de Lucca (Org.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP: 124-155.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.